

# Caderno da Cultura Folclórica Palhocense

## Cantoria da Ratoeira



**Palhoça**  
**2022**  
2ª ed.

**CAPA:**

Laura da Silva Prestes

**AUTORIA:**

Luzinete Carpin Niedzieluk

**REVISÃO:**

Luzinete Carpin Niedzieluk

**DIAGRAMAÇÃO:**

Juliano Alberto Alves

Luzinete Carpin Niedzieluk

**DIRETOR EXECUTIVO DA FMP:**

Fábio Henrique Pereira

**DIRETORIA ACADÊMICA:**

Jair Joaquim Pereira

**DIRETORIA ADMINISTRATIVA:**

Jane Coser

---

N553c

Niedzieluk, Luzinete Carpin.

Caderno da cultura folclórica Palhocense: cantoria da ratoeira / Luzinete Carpin Niedzieluk. – 2.ed. – Palhoça, SC: FMP, 2022.

22 p. il.

1. Tradição açoriana - Cantoria da ratoeira. 2. Açorianos no Brasil. 3. Gênero literário oral. 4. Cultura popular açoriana. I. Título. II. Série.

CDU 781.62

# APRESENTAÇÃO

Esse caderno informativo dá prosseguimento ao “Projeto Gêneros Oraís da Literatura Açoriana em Palhoça” e, apresenta a tradição folclórica “Cantoria da Ratoeira” ou “Cantiga de Ratoeira”, como também é chamada que foi trazida pelos imigrantes portugueses ao litoral catarinense.

A pesquisa foi realizada por meio de revisão bibliográfica e com narrativas orais dos(as) alunos(as) do curso de extensão: faculdade da maturidade da FMP entre os anos de 2009 e 2010, sua metodologia é qualitativa, descritiva e etnográfica.

Assim, com satisfação colaboramos com a recuperação do patrimônio imaterial e com a riqueza poética da Cantoria da Ratoeira.

Agradecemos a todos que contribuíram para a realização deste Caderno da Cultura Folclórica Palhocense – Cantoria da Ratoeira.

**LUZINETE CARPIN NIEDZIELUK**  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> da Faculdade Municipal de Palhoça

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>APRESENTAÇÃO</b>   | <b>2</b>  |
| <b>1 TRADIÇÃO AÇORIANA: CANTORIA DA RATOEIRA</b>            | <b>4</b>  |
| 1.1 Preliminares  | 4         |
| 1.2 Transcrição do Edital publicado nos Açores              | 5         |
| <b>2. AÇORIANOS NO BRASIL</b>                               | <b>6</b>  |
| <b>3. GÊNERO LITERÁRIO ORAL DA CULTURA POPULAR AÇORIANA</b> | <b>7</b>  |
| 3.1 Cantoria da Ratoeira                                    | 7         |
| 3.1.1 Ratoeira de Ferro e Ratoeira Simples                  | 7         |
| 3.2 Narrativas orais  | 8         |
| 3.3 Quadrinhas de Ratoeira                                  | 9         |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                 | <b>19</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>  | <b>20</b> |

# 1 TRADIÇÃO AÇORIANA: CANTORIA DA RATOEIRA

## 1.1 Preliminares

A cantoria da ratoeira ou cantiga de ratoeira é um gênero literário oral da cultura popular de tradição açoriana. Mas, o que é Açores? É uma região autônoma de Portugal, é um arquipélago do Oceano Atlântico, a meio caminho entre Portugal e EUA. Formado por nove ilhas:

- a) Santa Maria (ilha vermelha);
  - b) São Miguel (ilha verde);
  - c) Terceira (ilha lilás);
  - d) São Jorge (ilha Castanha);
  - e) Graciosa (ilha branca);
  - f) Pico (ilha cinzenta);
  - g) Faial (ilha azul);
  - h) Flores (ilha cor-de-rosa);
  - i) Corvo (ilha preta).
- Conforme mapa a seguir:

**ILUSTRAÇÃO 1: ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES**



**Fonte:** Disponível em: <http://www.cantadoresdolitoral.com.br/e/a/a2/a2-9.htm>.

O nome Açores se deve ao seu descobrimento em 1427, pelos navegadores portugueses, por Diogo de Silves, piloto de El Rei de Portugal, pois ao chegarem às ilhas encontraram uma espécie de falcão chamado de Açor. Até 1439 sabe-se que foram descobertas 7 das 9 ilhas: Santa Maria (127 km<sup>2</sup>), Terceira (406 km<sup>2</sup>), São Jorge (244 km<sup>2</sup>), Faial (172 km<sup>2</sup>), Pico (441 km<sup>2</sup>), São Miguel (760 km<sup>2</sup>) e Graciosa (62 km<sup>2</sup>). As outras duas, Flores (164 km<sup>2</sup>) e Corvo (16 km<sup>2</sup>), foram descobertas em 1452 por Diogo de Teive, um escudeiro do Infante Dom Henrique. O arquipélago, a partir de 1439 começou a ser povoado e a ser aproveitado como ponto de parada para as caravelas que navegavam pelo Atlântico. Devido ao seu rápido desenvolvimento comercial, Açores atraía muitos portugueses que lá iam morar e cultivar trigo, cevada e cereais. Aos poucos, o

arquipélago começou a ficar superpovoado, com mais população do que oportunidades de emprego. Além de dificuldades como a escassez de alimentos, constantes abalos sísmicos e tempestades que inviabilizaram a qualidade de vida no local.

Neste contexto, muitos açorianos foram obrigados a emigrar, procurando novas terras em que pudessem se estabelecer e trabalhar, vindo principalmente para o Brasil, pois, a Coroa Portuguesa em 7 de agosto de 1747 lançou um edital convidando casais açorianos para virem para o sul do Brasil (SC e RS) e oferecendo uma série de vantagens aos que aceitassem tal aventura, como por exemplo: “Olha, pagamos a passagem e damos terras lá” (CARUSO; CARUSO, 1996, p. 17). A seguir, a transcrição do edital.

## 1.2 Transcrição do Edital publicado nos Açores

[...] se dará a cada casal uma espingarda, duas enxadas, um machado, uma enxó, um martelo, um facão, duas facas, duas tesouras, duas verrumas e uma serra com sua lima e travadoura, dois alqueires de sementes, duas vacas e uma égua, e no primeiro ano se lhes dará farinha que se entender basta para o sustento,[...].

“El-Rei Nosso Senhor atendendo às representações dos moradores das Ilhas dos Açores, que lhe têm pedido mande tirar delas o número de casais que for servido, e transportá-los à América, donde resultará às ditas Ilhas grande alívio em não ver padecer os seus moradores, reduzidos aos males que traz consigo a indulgência em que vivem, e ao Brasil um grande benefício em povoar de cultores alguma parte dos vastos domínios do dito Estado, foi servido por Resolução de 31 de agosto do presente ano, posta em consulta do seu Conselho Ultramarino de oito do mesmo mês fazer mercê aos casais das ditas Ilhas, que se quiserem ir estabelecer no Brasil de lhes facilitar o transporte e estabelecimento mandando-os transportar à custa da sua Real Fazenda, não só por mar, mas também por terra até aos sítios que se lhes destinarem para suas habitações, não sendo homens de mais de quarenta anos e não sendo mulheres de mais de trinta; e logo que chegarem a desembarcar no Brasil a cada mulher que para ele for das Ilhas de mais de doze anos, e de menos de vinte e cinco, casada ou solteira, se dará dois mil e quatrocentos réis de ajuda de custo e aos casais que levarem filhos se lhes darão para ajudar de os vestir mil réis por cada filo, e logo que chegarem aos sítios que hão de habitar se dará a cada casal uma espingarda, duas enxadas, um machado, uma enxó, um martelo, um facão, duas facas, duas tesouras, duas verrumas e uma serra com sua lima e travadoura, dois alqueires de sementes, duas vacas e uma égua, e no primeiro ano se lhes dará farinha que se entender basta para o sustento, que são três quartas de alqueire da terra por mês para cada pessoa, assim dos homens, como das mulheres, mas não às crianças que não tiverem sete anos; e aos que tiverem até aos quatorze se lhes dará quarta e meia para cada mês. Os homens que passaram por conta de Sua Majestade ficarão isentos de servir nas Tropas pagas, no caso de se estabelecerem no termo de dois anos nos sítios que se lhes destinarem, onde se

dará a cada casal um quarto de légua em quadro para principiar a sua cultura, sem que se lhes levem direitos nem salário algum por esta sesmaria; e quando pelo tempo adiante tenham família com que possam cultivar mais terras, poderão pedir ao Governador do Distrito, que as concederá na forma das Ordens que tem nesta matéria. E aos casais naturais das Ilhas que quizerem ir deste Reino (por se acharem nele) se lhes farão as mesmas conveniências, como também aos casais de estrangeiros, que não forem vassallos de soberanos que tenham domínios na América a que possam passar-se, e aos que forem artífices se lhes dará uma ajuda de custo conforme os requisitos que tiverem”. (FORTES, 1978, p. 28).

## 2. AÇORIANOS NO BRASIL

A imigração de casais açorianos para o Brasil começou no séc. XVII, quando depois de três meses de viagem pelo oceano Atlântico, chegam à ilha de Santa Catarina em 6 de janeiro de 1748, os primeiros dois navios com 85 casais de açorianos e 461 pessoas.<sup>1</sup>

Antes de 1748, Santa Catarina era um imenso deserto, segundo o engenheiro francês Amédée F. Frézier, este é um dos viajantes que passava por Santa Catarina e em 1712 escreve que em Desterro, nesta época, havia nada mais, nada menos do que 147 pessoas, a maior parte vivendo em choças depalha e descalça. (CARUSO; CARUSO, p. 56).

A decisão da coroa portuguesa de promover a imigração de açorianos representou a solução de dois problemas: aliviou a pressão populacional nas ilhas e proporcionou ao sul um povoamento mais denso, que seria a melhor maneira de garantir a posse de terra. Calcula-se que entre 1748 e 1756, entraram em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul aproximadamente 2300 açorianos (o que representava 4% da população do arquipélago).

Segundo Caruso e Caruso (1996), os emigrantes viajavam nos tombadilhos das embarcações, expostos as intempéries, e em algumas delas foram alojados mais de 400 pessoas, entre adultos e crianças. As mulheres vinham reclusas nos porões, em ambiente fechado, mal iluminado e mal arejado, eram vigiadas dia e noite e só podiam subir ao convés do navio aos domingos quando assistiam a missa e conversavam com seus maridos e filhos.

Em 1750 chegou outra leva de mais ou menos 496 açorianos ao litoral, e estes fundaram a Freguesia Nossa Senhora do Rosário da Enseada de Brito. Eles representam o ponto de partida da ocupação em Palhoça que logo após espalhou-se para outras regiões, formando-se outros bairros.

Muitos açorianos se estabeleceram nas terras gaúchas e lutaram nos primeiros tempos com muitas dificuldades porque alguns foram obrigados a acompanhar destacamentos que se batiam com os guaranis e também porque o governo português não cumpria com as promessas feitas. A imigração continuou no séc. XX. Há nos estados de Santa Catarina e no Rio Grande do Sul sinais evidentes da presença açoriana, não só na arquitetura, mas também, nos usos, costumes e tradições artístico-culturais.

Atualmente, vivem no Brasil mais de um milhão e 200 mil portugueses, grande parte constituída por açorianos e seus descendentes.

---

<sup>1</sup> Estas datas variam de acordo com os historiadores, seguiremos Caruso e Caruso (1996) e Fortes (1978).

### **3. GÊNERO LITERÁRIO ORAL DA CULTURA POPULAR AÇORIANA**

#### **3.1 Cantoria da Ratoeira**

A cultura açoriana é rica em cantorias ou cantigas. O ilhéu, marcado pelo isolamento do mar, sente como nenhum outro a saudade. Saudade do que passou, saudade dos que partiram, saudade dos que ficaram. Assim, cantam-se por todos os Açores diversas modas populares sobre saudade, que têm em comum, apenas, serem tristes e que variam bastante na sua estrutura rítmica.

Tradicionalmente, nos Açores estas cantigas animavam quaisquer trabalhos domésticos ou de roça. Algumas destas cantigas tornaram-se “clássicos” conhecidos por várias gerações e em vários locais. Ressaltamos a riqueza poética das quadras expressas por pessoas humildes, geralmente lavradores, rendeiras e pescadores. Ao ser trazido para o litoral catarinense, o gênero oral sofreu algumas alterações conforme descritas a seguir.

##### **3.1.1 Ratoeira de Ferro e Ratoeira Simples**

Segundo Coelho (*apud* SILVA, 2010), há dois tipos de ratoeira: a Ratoeira de Ferro e a Ratoeira Simples, sendo a Ratoeira de Ferro uma brincadeira de roda, na qual um dos participantes vai para o meio e puxa a cantiga, que pode ser uma cantiga tradicional da Ratoeira ou um improviso, geralmente envolvendo algum outro participante, em tom de piada ou provocação, depois outro participante entra na roda e é assim que a brincadeira tem o seu desenrolar. Segundo ele, atualmente este tipo de Ratoeira é o mostrado em apresentações folclóricas geralmente por grupos de terceira idade. Quanto a Ratoeira Simples é mais espontânea e não precisa da roda para acontecer, esta acontecia com mais frequência e vigor em outros tempos.

A Ratoeira Simples acontecia em qualquer ocasião ou situação do dia, podia ser nos encontros das mulheres que teciam a renda enquanto os maridos pescavam no mar ou quando uma pessoa queria fazer uma declaração de amor à outra (cantava um verso de Ratoeira enquanto passava na frente da casa da pessoa desejada, pois em outras épocas não se podia namorar publicamente). Outros faziam versos cantados em tom de crítica a alguma pessoa, um desafeto, uma caçoada, enfim era utilizada para muitas situações do cotidiano, como forma de expressão e também de divertimento.

A Cantoria da Ratoeira de ferro, também é uma das poucas expressões folclóricas, que acontecia espontaneamente, não era programada. Em qualquer reunião, seja na igreja ou em festas e nas casas, um grupo de gurias se juntava e formava uma ratoeira, espécie de roda de mulheres que aos poucos foram introduzindo os homens ligados uns aos outros pelas mãos, formavam um círculo, sendo escolhido alguém do grupo para ficar no centro (a ratoeira) e este devia puxar a cantoria, cantando um verso de improviso para alguém da roda. O grupo canta o estribilho e aquele a quem foi dirigido o verso substituiu o anterior e responde com outro verso. Neste tempo, a roda gira para a direita e para a esquerda. Esses versos eram cantados em quadrinhas que obedeciam a uma rima, dentro de um ritmo, andamento e melodia pré-definidos.

A cada verso o grupo todo canta o refrão:



“Ratoeira bem cantada faz chorar, faz padecer, também faz um triste amante do seu amor esquecer” ou “Meu galho de malva, meu manjeriço, dá três pancadinhas no meu coração” ou “Meu galho de rosa, meu cravo encarnado, não posso viver sem te ter ao meu lado” ou “Meu galho de malva, meu ramo de aurora, não posso passar sem te ver toda hora.

Assim é uma cantoria típica de roda, ao som de versos de improviso, com a participação sucessiva de seus integrantes, que iam ao interior da roda tirar seus versos, sejam espontâneos ou em resposta a versos provocativos a eles dirigidos.

Era brincada geralmente nos feriados, aos domingos à tarde, nas festas, nas reuniões de famílias. Às vezes a roda ficava tão grande que se devia montar outra. As quadras eram tiradas de improviso, sempre havia a obrigação de fazer as quadras com inteligência, jogava-se para a pessoa escolhida na roda, e a mesma tinha de responder com outra quadra. Quando se falava de amor, de paixão, de amizade, ou gratidão não havia problema, mas, quando alguém resolvia lembrar algum episódio de outro componente da roda e ainda torná-lo público, a roda pegava fogo.

As "cantigas de ratoeira" fazem parte da herança lusa que a cultura açoriana, integrada à vida catarinense de Palhoça, legou a seus filhos. É uma forma de cada pessoa expressar seus sentimentos seja ele de tristeza, amor, alegria, saudade, também é uma forma de expressar namoro, pois cantavam versinhos com a intenção de dizer algo para seu amor, dizendo coisas que sempre se dirigiam a alguém, em geral aquele seu pretendente. Nestas rodas quase sempre predominavam em maior número moças.

Essas encantadoras modinhas feitas em quadrinhas e tiradas de improviso, atualmente com adaptações e acréscimos que, se lhes deram, como por exemplo, observamos que as senhoras atualmente repetem quadrinhas antigas, não as tiram de improviso. Estas constituem interessante gênero literário oral da cultura folclórica açoriana mantido por escolas na época do folclore no mês de agosto e, por vários grupos tradicionais de terceira idade, em várias regiões de Santa Catarina, preservando desta forma sua cultura e estendendo-a aos seus filhos e a gerações vindouras.

### **3.2 Narrativas orais**

A grande maioria dos alunos mencionava que aprendiam as cantigas de ratoeira com suas famílias, mas especificamente com as suas mães.

Naquela época quando as pessoas trabalhavam juntas na lavoura ou em outros serviços como lavar roupas no rio, cozinhar juntas na Domingueira (festa que ocorria em casa com cantoria ao vivo e danças para diversão das pessoas), cantavam cantigas de ratoeira tiradas espontaneamente ou já decoradas.

Mencionam que as moças entre dezesseis e dezessete anos participavam das rodas de ratoeira com a intenção de namorar e que os moços não gostavam muito de entrar na roda para cantar, mas mesmo assim, as moças os

convidavam. A roda era feita sempre depois da missa de domingo ou de festas tradicionais e também depois da novena, às quartas-feiras. Na verdade, essas narrativas vão ao encontro das informações coletadas na revisão bibliográfica realizada.

### 3.3 Quadrinhas de Ratoeira

As quadrinhas de ratoeira que apresentaremos, a seguir, foram retiradas da bibliografia consultada e outras foram cantadas pelos nossos depoentes.

“Ratoeira bem cantada  
faz chorar faz padecer  
também faz um triste amante  
do seu amor esquecer.”

“Meu galho de malva  
meu manjerição  
da três pancadinhas  
no meu coração.”

“Ratoeira não me prenda  
que eu não tenho mais quem me solte  
eu já tenho arrebitado  
outras correntes mais fortes.”

“Caiu no enxuto  
caiu no molhado  
caiu nos teus braços  
meu cravo encarnado.”

“Meu cravo encarnado  
Meu buquet de flor  
nasceste no mundo  
pra ser meu amor.”

“Senhora Dona Maria  
faz favor de entrar dentro da roda  
diga um verso bem bonito  
diga adeus e vá embora.”

“Sei que não olhas pra mim  
com bons olhos como antes  
mas sei que gostas de mim  
pois somos dois amantes.”

“Ratoeira não me prende,  
que eu não tenho quem me solte;  
a prisão da ratoeira  
é como a prisão da morte.”

“Lá em cima daquele morro,  
tem um pé de carriola;  
quem quiser casar com as moças,  
prende as velhas na gaiola.”

“Joguei com a morena  
por cima do lírio  
não chora morena  
que eu caso contigo.”

“Passei pela manjerona  
lancei a mão na semente  
eu passei pelos seus olhos  
fiquei preso para sempre.”

“Seu fosse um peixinho eu sabia nadar  
levava a morena pro fundo do mar,  
levava a morena pro fundo do mar,  
Seu fosse um peixinho eu sabia nadar.”

“Estendi meu lenço branco  
na ramada da suscena  
meus olhos gostam de olhar  
a menina da cor morena.”

“A folha da cana a geada matou  
lembrança pro velho que a velha mandou  
lembrança pro velho que a velha mandou  
a folha da cana a geada matou.”

“Vou fazer a minha casa  
lá no alto da vigia  
só pra ver o meu amor  
quando vem da Freguesia.”

“Ratoeira não me prende  
que eu não tenho mais quem me solte  
que eu já tenho arrebetado  
outras correntes mais fortes.”

“Joguei com a morena  
por cima do lírio  
não chora morena  
que eu caso contigo.”

“Passei pela manjerona  
lancei a mão na corrente  
eu passei pelos seus olhos  
fiquei presa para sempre.”

“Perguntaste o que é saudade  
Pois então vou te dizer;  
Saudade é tudo o que fica  
Depois de tudo morrer.”

“São tantas as saudades  
Que nem as posso contar;  
São tantas como as estrelas  
Como as areias do mar.”

“Tenho tantas saudades  
Como folhas têm o trigo;  
Não as conto a ninguém  
Todas consumo comigo.”

“Sou rendeira, faço renda,  
faço renda de biquinho  
pra botar na camisa  
do meu amor que é o Chiquinho.”

“Um engenho de farinha  
ocupa três trabalhador  
um na prensa, outro no forno  
o melhor no cevador.”

“No cafeeiro trepada  
eu canto muitos versinhos  
para os moços eu canto muito  
e também para os velhinhos.”

“A espiga do milho verde  
nunca dá quinze carreiro  
se você um dia achar  
você será o primeiro.”

“Eu queria ser balaio  
na cultura do algodão  
moça que não tem balaio, sinhá  
bota a costura no chão.”

“Oh! que praia tão comprida  
tão custosa de se andar  
já se fora as passadas  
que meu amor dava por mim.”

“Eu entrei na Ratoeira  
mas não foi para cantar  
quem o meu coração queria  
na Ratoeira não está.”

“Ratoeira de ferro  
que não há de brandear  
enquanto eu for viva  
não há de arrebentar.”

“A açucena quando nasce  
toma conta do jardim  
mas também  
quer tomar conta de mim.”

“Estendi um laço branco  
na ramada da açucena  
os teus olhos me prenderam  
menina da cor morena.”

“Plantei um pé de malva  
no caminho do sertão  
a palma me deu no rosto  
e a raiz no coração.”

“Da minha casa pra tua  
é um passinho de cobra  
inda hei de chamar  
a tua mãe de minha sogra.”

“Samacaio<sup>2</sup> era um navio  
no mar alto a navegar;  
lá dentro o meu amor  
com pena de me deixar.”

“Samacaio era velho  
era velho e marinheiro;  
andava sempre perdido  
por causa do nevoeiro.”

---

<sup>2</sup> A este também é dado o nome de "São Macário". Segundo algumas opiniões esse nome teria sido de um navio que navegava entre o Brasil e as ilhas dos Açores.

“Samacaio deu a costa  
deu a costa na Fundura;  
quebrou-se-lhe o tabuado  
ficou só na pregadura.”

“O manjeriço é sono  
quem tem sono vai dormir;  
eu tenho sono e não durmo  
para bem te assistir.”

“O manjeriço da serra  
é comprido não faz moita  
também vós menina,  
sois uma e pareceis outra.”

“Rua abaixo, rua acima  
não sei quantas ruas são;  
uma de cravos e de rosas  
outra de manjeriço.”

“Hei, você que está tão longe  
Venha aqui mais para perto  
A minha vista está cansada  
De te ver neste deserto.”

“O nome do meu amor  
Lagoa da Conceição 1995  
Se escreve com quatro letras  
Fechado com quatro chaves.”

“Ratoeira bem cantada  
Dentro de quatro gavetas  
Ai faz chorar, faz padecer  
Também faz um triste amante  
Do seu amor esquecer.”

“Ai, minha vista não alcança  
Se eu tivesse um portador  
No tempo que eu cantava  
Ai, mandava muitas lembranças.”

“Ai, minha voz arretinia  
Eu cantava no mais alto  
A folha da bananeira  
Ai, no mais baixo se ouvia.”

“De noite parece prata  
Qual será essa tola  
No jardim da minha casa  
Que por meu amor se mata?”

“Tem um pé de laranjeira  
Me desculpa minha gente  
Tico-tico na vassoura  
Que isto é tudo brincadeira.”

“Pega chuva e não se molha  
Onde tem moça bonita  
Fui no mar pra ver as águas  
Moça feia não namora.”

“No jardim pra ver as flor  
No céu pra ver as estrelas  
Faço renda, sou rendeira  
E aqui pra ver meu amor,  
Faço renda de biquinho.”

“De que serve um pingo d’água  
Para botar na camisa  
No fundo de uma bacia  
Do meu amor que é o Chiquinho.”

“De que serve o meu amor  
Se eu não o vejo todo dia.  
Faço renda, sou rendeira  
Faço renda de crochê.”

“Gavião dai-me uma pena  
Para botar na camisa  
Que eu quero escrever-te um s  
Do meu amor que é José.”

“Menino da cor morena  
Tenha dó de quem padece.  
Se eu fosse peixinho, soubesse nadar  
Levava o moreno pras ondas do mar.”

“Por cima da alfazema  
Levava o moreno pra onde eu queria  
Não sei que tem nos meus olhos  
Que gosto da cor morena.”

“Atirei com o limão verde  
Por cima da sacristia  
Deu no cravo e deu na rosa  
Deu na prenda que eu queria.”

“Quando eu for daqui me embora  
Lenço branco hei de levar  
Para nunca me esquecer  
Ai, do povo deste lugar.”

“No quintal da minha casa  
Tem um pé de laranjeira  
Me desculpa, minha gente  
Que isso é tudo brincadeira.”

“Minha mãe casai-me cedo  
Enquanto sou rapariga  
Que o milho plantado tarde  
Nunca deu boa espiga.”

“O caminho da minha casa  
Já está chefinho de capim  
Já se acabou as passadas  
Que o meu bem dava por mim.”

“Quem pudesse estar agora  
Onde está o meu amor  
Naquele campo sereno  
Naquele jardim sem flor.”

“Quando canta o rouxinol  
Lembra-te da tarde linda  
Te recorda do passado  
Olha eu te amo ainda.”

“A laranja era verde  
Com o tempo amadurou  
Meu coração era firme  
Veio o teu e me cativou.”

“Oh! Que praia tão comprida  
Tão custosa de se andar  
Oh! Que olhos de menino  
Tão custosos de se amar.”

“A folha de bananeira  
Tem direito e tem avesso  
Eu te conheço menina  
Desde pequena do berço.”



“Meu amor me deixou  
Pensa que eu tenho paixão  
Não me faltam Deus do céu  
Amor não me faltarão.”

“Eu entrei na ratoeira  
Mas não foi para cantar  
Quem o meu coração queria  
Na ratoeira não está.”

“Meu amor, meu amorzinho  
Beijo de café maduro  
Pode rir pode brincar  
Que o nosso amor está seguro.”

“O vento que ventou hoje  
Virou a folha da palma  
O dia que não te vejo  
Não tenho vida nem alma”.

“Hoje venta vento sul  
Amanhã é viração  
Eu espero o meu amor  
Na primeira embarcação.”

“O anel que tu me destes  
Era vidro e se quebrou  
O amor que tu me tinhas  
Era pouco, e se acabou.”

“O alecrim arrancado  
A raiz torna a nascer  
É como um bem que se acaba  
E depois tornam a se querer.”

“O vento que ventou hoje  
é vento da mulher casada  
coitadinha da solteira  
vive no mundo enganada.”

“No meu jardim existia  
Um lindo pé de roseira  
Onde fazias parada  
Hoje passas de carreira.”

“Fiz a minha cama  
Estendi meu cobertor  
Deu o vento na roseira  
Encheu a cama de flor.”

“Estendi meu cobertor  
Na janela mais ventosa  
Deu o vento na roseira  
Encheu a cama de rosas.”

“Plantei no meu quintal  
Um pezinho de alecrim  
Te peço por favor  
Que não olhes mais pra mim.”

“Os olhos azuis são falsos  
Os verdes são lisonjeiros  
Os olhos acastanhados  
É que são os verdadeiros.”

“Plantei no meu quintal um  
Pezinho de sempre-viva  
Se me souberes amar  
Tens amor pra toda vida.”

“Eu entrei na ratoeira  
Mas não foi para cantar  
Quem meu coração queria  
Na ratoeira não está.”

“Oh! Que coqueiro tão alto  
Que de alto se quebrou  
Oh que menino tão falso  
Que de falso me deixou.”

“Lá no céu tem sete estrelas  
Todas sete num montinho  
Ainda ontem eu vi me bem  
Cada vez mais bonitinho.”

“De baixo do mar tem limo  
De baixo do limo tem areia  
Quem tem amor tem ciúme  
Quem tem ciúme quer bem.”

“De baixo do mar tem limo  
De baixo do limo tem lodo  
Quem tem amor tem ciúme  
É costume de nós todos.”

“Com R escrevo Rosa  
Com B escrevo botão  
Com J escrevo o teu nome  
Amor do meu coração.”

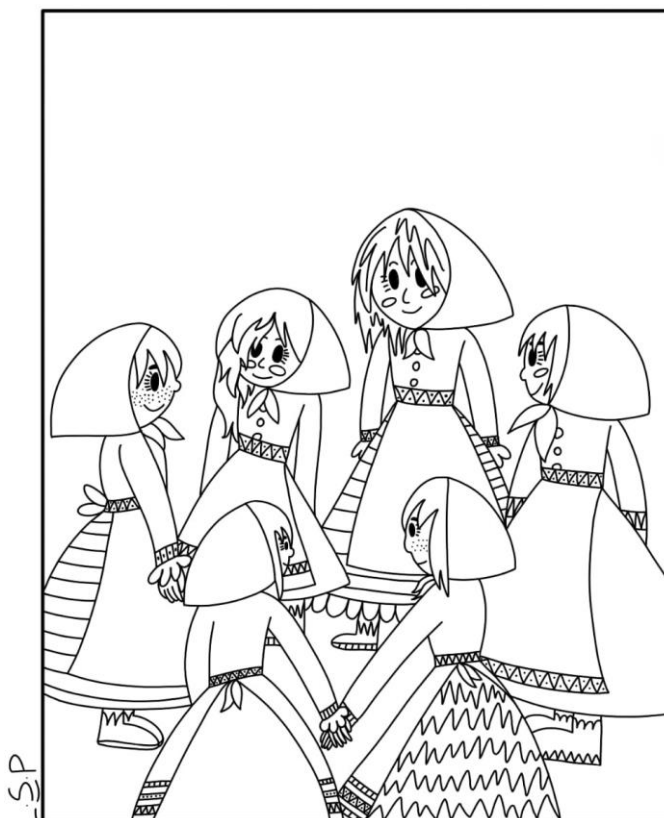
“Eu plantei um pé de milho  
Debaixo de um canecão  
Nasceu um pinto pelado  
Tocador de violão.”

“Batatinha quando nasce  
Se esparrama pelo chão  
Mamãezinha quando dorme  
Põe a mão no coração.”

“Com I escrevo infância  
Com J escrevo juventude  
Com M escrevo maturidade  
Amigos que ficaram na saudade.”

Apresentaremos, a seguir, ilustração sobre Roda de Cantoria da Ratoeira.

Ilustração 1 - Roda de Cantoria da Ratoeira



Fonte: Laura da Silva Prestes

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A “Cantoria da Ratoeira” ou “Cantiga de Ratoeira” ou ainda “Roda de Ratoeira” como é chamada pelos descendentes de açorianos no município de Palhoça é pouco difundida pelos próprios descendentes de açorianos.

Encontramos entre os grupos de terceira idade a sua utilização, porém constatamos que os versos cantados não são inovadores ou tirados de cabeça, mas sim, são repetidos e já conhecidos como demonstramos acima.

Sugerimos para preservação e valorização deste patrimônio imaterial que também as escolas divulguem este gênero discursivo, estimulem seus alunos, proponham concursos literários da organização dos versos, ensaiem a cantoria com os alunos, apresentem-na em datas comemorativas e conscientizem tanto a comunidade escolar como os(as) alunos(as) e suas famílias do valor de sua própria cultura.

## REFERÊNCIAS

**As cantigas de ratoeira.** Disponível em:

[http://www.pmf.sc.gov.br/turismo/lazer\\_cultura/folclore/roteiro.htm](http://www.pmf.sc.gov.br/turismo/lazer_cultura/folclore/roteiro.htm). Acesso em: 25 jun. 2010.

**Cantoria da ratoeira.** Disponível em:

<http://www.manezinhodailha.com.br/CantoCantorias.htm#>. Acesso em: 25 jun. 2010.

**Açores.** Disponível em: <http://assisbrasil.org/acoeres.html>. Acesso em: 5 jul. 2010.

**Cantos.** Disponível em: <http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/Canto03.html>. Acesso em: 25 jun. 2010.

CARUSO, Mariléia M. Leal; CARUSO, Raimundo C. **Mares e longínquos povos dos Açores.** Florianópolis: Insular, 1996.

**Como ocorreu a imigração portuguesa no Brasil.** Disponível em:

< <http://www.cantadoresdolitoral.com.br/e/a/a2/a2-9.htm>.>. Acesso em: 25 jun. 2010.

COUTINHO, Ana Lúcia. **Danças:** resgate das modas no município de Biguaçu. Florianópolis, 1998. Disponível em:

[http://www.nea.ufsc.br/palestras\\_coloquio/ANA%20LUCIA%20COUTINHO.pdf](http://www.nea.ufsc.br/palestras_coloquio/ANA%20LUCIA%20COUTINHO.pdf). Acesso em: 07 jul. 2010.

FARIAS, Vilson F. de. **Palhoça:** natureza, história e cultura. Florianópolis. Ed. do autor, 2004.

FORTES, João Borges. **Os casais açorianos.** Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1978.

MOTA, Alisson. **Canções do Folclore da Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis: Editora Insular, 2001.

GIRARDELLO, GILKA. **Depoimentos do Grupo de Idosos Lagoa Formosa** (1995). Disponível em: <http://www.nea.ufsc.br>. Acesso em: 20 jul. 2010.

**Povos açorianos.** Disponível em:

<http://www.ocarete.org.br/povos-tradicionais/acorianos/>. Acesso em: 25 jun. 2010.

**Ratoeira.** Disponível em:

[http://www.reocities.com/Athens/Sparta/1350/msicae.htm#São Macaio](http://www.reocities.com/Athens/Sparta/1350/msicae.htm#São_Macaio). Acesso em: 2 jul. 2010.

**Roteiro das manifestações culturais do município de Florianópolis.** 3 ed. rev. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2008. Disponível em:

[http://www.pmf.sc.gov.br/turismo/lazer\\_cultura/folclore/roteiro.htm](http://www.pmf.sc.gov.br/turismo/lazer_cultura/folclore/roteiro.htm). Acesso em: 6 jun. 2010.

SILVA, Rodrigo Moreira. **A ratoeira e seu contexto sócio-cultural**. Disponível em: <http://www.nea.ufsc.br>. Acesso em: 2 jul. 2010.

